

OS SENTIDOS DE AMOR EM FRITZ KAHN: A PEDAGOGIA DA SEXUALIDADE COMO UMA PEDAGOGIA DO SENTIMENTO AMOROSO

Antônio Fontoura¹

Resumo: Os estudos sobre a sexualidade produziram vasta bibliografia a respeito das formas pelas quais os conhecimentos institucionalizados, particularmente a medicina, contribuíram para construir modelos considerados adequados de comportamento sexual. Nesse artigo busca-se discutir como determinadas obras de autoajuda sexual, os manuais sexuais conjugais, participaram do processo de ensinar homens e mulheres a se adequarem, do ponto de vista sexual, a seu papel social de maridos e esposas. Para isso analisará como *A nossa vida sexual*, escrito pelo médico alemão Fritz Kahn, participou da popularização desses conhecimentos sexológicos, a partir da relação entre as ideias de amor e ato sexual.

Palavras-chave: Nossa vida sexual; Fritz Kahn; amor; ato sexual.

Abstract: Studies on sexuality have produced a vast bibliography about the ways in which institutionalized knowledge, particularly medicine, have contributed to the construction of appropriate models of sexual behavior. This article aims to discuss how certain sexual self-help books, the marital sexual manuals, participated in the process of teaching men and women to adapt, from a sexual point of view, to their social role as husbands and wives. For this, it will analyze how *Our sexual life*, written by the German doctor Fritz Kahn, participated in the popularization of this sexological knowledge, from the relation between the ideas of love and sexual intercourse.

Keywords: Our sex life; Fritz Kahn; love; sexual intercourse.

Introdução

Em seu romance *Madame Bovary*, de 1857, Flaubert descreve como Emma sofria com dúvidas logo após seu casamento com o inexpressivo Charles, decepcionada com os poucos ganhos financeiros que não poderiam sustentar

1

Doutorando em história pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: antoniofontourajr@gmail.com

bailes luxuosos, e insatisfeita com a vida tediosa em pequenas vilas como Tostes ou Yonville, e não na excitante Paris. Aquele que deveria ser o momento de maior realização da vida de uma mulher, definitivamente não cumpria as promessas de paixão, de romantismo, de aventuras, que Emma Bovary admirava, ansiava e conhecia a partir da leitura de seus romances preferidos (FLAUBERT, 1969 [1857]).

Esta frustração poderia ser explicada pela dupla, e talvez contraditória, concepção de amor a que Emma Bovary estava sujeita.

O romance alimenta-se de obstáculos, de breves excitações e de separações; o casamento, ao contrário, é feito de hábitos, de convívio quotidiano. O romance quer o ‘amor distante’ dos trovadores; o casamento, o amor do ‘próximo’. Por conseguinte, se nos casamos por causa de um romance que já se desvaneceu, é normal que, à primeira constatação de um conflito de temperamentos ou de gostos, nos façamos a pergunta: por que me casei? (ROUGEMONT, 2003, p. 241-2)

Em sua clássica obra sobre o amor no ocidente, o suíço Denis de Rougemont afirma a novidade histórica, própria do romantismo, que procurou unificar o “amor romântico” dos trovadores, marcado pela paixão, e o “amor próximo”, recheado pelo cotidiano e a convivência, característico do casamento. Dois elementos que seriam necessariamente incompatíveis entre si, e que, explicitadas as diferenças pelo dia-a-dia do relacionamento conjugal, acabariam por gerar as dúvidas em relação ao próprio casamento.

Durante as primeiras décadas do século XX, porém, surge uma literatura que toma para si a responsabilidade de ensinar os casais a unir estas duas formas de amor – seguindo a definição de Rougemont – que pareciam incompatíveis. Trata-se dos chamados manuais sexuais conjugais, um tipo de literatura preponderantemente heterossexual, dirigida particularmente a homens e mulheres prestes a casar, que objetivava oferecer “conhecimento a respeito de seu próprio corpo e do corpo do sexo oposto, e sobre prática sexual, primariamente o intercuro sexual (ou coito)” (COOK, 2004, p. 187). Entre descrições anatômicas dos corpos masculinos e femininos, detalhes sobre posições sexuais, descrição de perversões, havia a incessante busca por definir o que era o amor, como a sexualidade integrava a verdadeira concepção amorosa, e como maridos e esposas poderiam aprender a construir, em seus cotidianos, este ideal amoroso que uniria paixão e devoção

No Brasil, tais livros surgem nas primeiras décadas do século XX, são escritos usualmente por autores estrangeiros e traduzidos para o português com, não raro, vários anos de diferença da data de publicação original. Em um período em que existiam poucos espaços sociais para a aprendizagem sobre o sexo e, mesmo que contraditoriamente, a sexualidade se consolidava como assunto de fundamental importância para a formação dos sujeitos (FOUCAULT, 1988), estes manuais tomaram para a si a função pedagógica de ensinar o que era, e como deve ser praticado, o adequado ato sexual. Escritos quase que exclusivamente por médicos, e direcionado a homens e mulheres com pouca (ou, idealmente, nenhuma) experiência sexual, tais obras desempenhavam uma não negligenciável função de orientação pedagógico-sexual (COOK, 2004).

Seus autores, porém, não se esqueciam do amor. Na verdade, acreditavam falar sobre ele, de forma concreta e objetiva. Era sempre ele, o amor, o objetivo final a ser atingido: “Deve-se fazer o possível a fim de melhorar a felicidade conjugal duradoura: uma vida sexual harmônica e sempre florescente (...) é um dos pilares que sustentam o edifício do amor” (VELDE, 1957 [1933], p. 4). *Sexo e amor, Arte e ciência do amor, A serviço do amor, Amor, sexo e erotismo, Amor, sexo e segurança*: os títulos de algumas das obras revelam a importância da ideia de amor para esta literatura.

Uma que merece destaque é *Nossa Vida Sexual*, escrita pelo alemão Fritz Kahn. Um dos maiores sucessos editoriais deste tipo de literatura no Brasil, foi publicada em 1940, permanecendo por mais de quarenta anos à venda, sendo que a 27ª e última edição data de 1982. Nos anos 70 ainda era o segundo livro mais vendido da editora Civilização Brasileira, perdendo apenas para o Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa. Paradigmático na relação que estabelecia entre o amor e o ato sexual, Kahn acreditava que sua obra, ainda que voltada a homens e mulheres que desejavam aprender sobre a vida sexual, auxiliava na construção de casais felizes, pois ensinava o amor por completo, “o que encarna o espírito e o corpo, pois o amor e todas as atividades do amor são hábitos” (KAHN, 1960, p. 270), possibilitando, portanto, seu aprendizado.

Este artigo procurará analisar de que maneira os manuais sexuais conjugais –

e, mais especificamente, *A Nossa vida sexual*, de Kahn – não apenas ensinavam o ato sexual para os jovens casais, mas procuravam unir os sentimentos de amor-matrimonial e amor-paixão. Buscavam, mais do que simplesmente ensinar a cópula – ainda que esse seja um ponto importante destas obras – explicar qual o papel que o amor-paixão representava na ideia completa de “amor”, e de que maneira participaria de sua construção em conjunto com o amor-matrimonial. Ensinar como sentir o “amor”, como se deveria “amar”, como, enfim, “fazer amor”, tornava-se importante objetivo pedagógico.

É importante compreender este conceito de amor, e sua instrumentalização na obra de Kahn, a partir da análise da trajetória histórica do sentimento amoroso, em conjunção com uma análise de seus usos dentro de um determinado momento histórico (SANT’ANNA, 2013). E, particularmente no caso dos manuais sexuais conjugais, a conjunção foi construída entre o amor e a sexualidade, colocados em uma situação de mútua dependência.

A partir desta concepção específica de amor, será discutido de que maneira os manuais sugeriam o reposicionamento dos indivíduos em um aspecto particular do sentimento amoroso que os médicos acreditavam poder modificar: a sexualidade. Sendo o desejo sexual uma das partes que conformariam o amor romântico, e considerando este desejo passível de aperfeiçoamento, os manuais indicavam os problemas existentes com a subjetividade sexual e as maneiras pelas quais homens e mulheres deveriam se comportar para redefini-la.

Os diferentes sentidos do amor

Na segunda metade do século XVII, o rei inglês Carlos II encomendou ao pintor holandês Peter Lely uma imagem de sua amante, Barbara Palmer, nua. Utilizando-se das convenções artísticas da época, Lely a representa como Vênus, ao lado de um cupido, eternizando a paixão, intimamente relacionada à sensualidade e à corporalidade, que o rei sentia por sua amante.

Para o casamento de Carlos II com Catarina de Bragança, por sua vez, uma grande quantidade de imagens foram, também, produzidas. Nelas, rei e rainha são mostrados no momento do matrimônio, com as mãos unidas, formando uma aliança, como um sinal da relação estável que se iniciava.

É claro que jamais uma rainha, a princípio, seria representada como uma Vênus. Não cabia à sua posição social. Mas o que é significativo na comparação entre estas imagens é a dissociação existente entre o casamento, significando uma aliança e implicando uma relação durável, e a paixão, erotizada e explicitamente representada fora do ambiente conjugal – afinal, a Vênus nua é a amante. São dois mundos, dois conjuntos de sentimentos, que não se confundem (BERGER, 1999).

Uma situação contrastante com aquela encontrada nas primeiras décadas do século XX: em 1908, o dramaturgo George Bernard Shaw ironizou a situação do casamento em seu tempo, que levava “duas pessoas sob a influência da mais violenta, mais insana, mais ilusória, e mais efêmera das paixões, (...) a jurar que permanecerão nesta condição excitada, anormal e desgastante de forma contínua, até que a morte os separe” (SHAW, 1908).

A divertida observação sintetiza um aspecto importante da ideia do modelo de casamento que se formou a partir do século XVIII: fundamentada na ideia de amor romântico, procura unir, sob uma instituição que busca a estabilidade e a permanência, tanto sentimentos de amizade e devoção, como os de paixão ardente e sexual – uma união que, como demonstra Carlos II e sua amante, não apenas não existia em outros momentos da história como, em certos períodos e sociedades, poderia mesmo ser considerada inconcebível.

Em seu estudo bibliográfico a respeito do sentimento amoroso na sociologia e psicologia, Felmlee e Sprecher (2006) resumem um debate existente entre dois grupos de pesquisadores. Por um lado, os que não acreditam que o amor seja um sentimento nele mesmo e, por outro, aqueles que, de forma oposta, defendem não apenas a sua existência, mas a sua naturalidade e o que seria seu caráter intrinsecamente humano.

Por que o amor não poderia ser definido como um sentimento para aquele primeiro grupo de sociólogos e psicólogos? Porque, diferentemente do que ocorre com a alegria ou a tristeza, o sentimento amoroso não seria formado por determinadas características básicas (por exemplo, não teria uma única expressão facial associada). O que as pessoas na atualidade definiriam como amor seria, assim, mais adequadamente descrito como uma motivação orientada a certo objetivo

(afinal, exames de ressonância magnética revelariam que sentir amor afetaria, no cérebro, as áreas ligadas à motivação) (FEMLEE e SPRECHER, 2006).

Para o segundo grupo de pesquisadores, o suposto caráter a-histórico e transcultural do amor seriam demonstração de sua existência e universalidade. Seria possível, inclusive, identificar sinais não verbais do amor, comuns a diferentes pessoas de diferentes culturas e que, de forma semelhante ao que ocorre com outras emoções básicas, evidenciariam seu caráter propriamente humano (FEMLEE e SPRECHER, 2006).

O que é este “amor”, porém, discutido por estes sociólogos e psicólogos? Que sensações produz, quem é o objeto deste sentimento, em que contextos se revela, o que engloba? A quais atos está relacionado, e a quais momentos? Em síntese, a que se refere?

Sem dúvida, parte desta controvérsia – em definir se o amor é ou não, afinal, um sentimento – está em encontrar uma definição sobre o que se refere, o que compõe, quais são as características próprias do sentimento amoroso. Por um lado, estudos psicológicos, e mesmo neurológicos, pretendem encontrar evidência da existência do amor nos neurônios, o que conferiria a este sentimento um caráter, a princípio, biológico, que seria meramente moldado pela sociedade. Mas, por outro, pode-se pensar o amor a partir de seu caráter coletivo², nas condições sociais para sua existência, e como as opções individuais entram em acordo com determinada prática socialmente disponível e que se considera amorosa. Neste sentido, buscar compreender como uma determinada atração sentimental e suas práticas consequentes, denominadas “amor” em certa sociedade, são criadas dentro de um período histórico.

Porque sob este curto e polissêmico substantivo, em determinados momentos da história, puderam surgir ações e sensações profundamente diferentes. No século XIX era indissociável do casamento, enquanto na Grécia Antiga – para Aristóteles, ao menos (BOZON, 2004) – era impensável dentro de uma relação tão desigual quanto existente entre um homem e uma mulher. Passou a se centrar na corporalidade, e na atração sexual com auxílio dos médicos higienistas (resultando em um esforço médico para a erotização da conjugalidade), embora

2

Uma abordagem que busca se aproximar àquela presente em ANSART, 2000, p. 154.

o desejo sexual fosse considerado, no século XII europeu, inconcebível de existir no matrimônio; é neste sentido que a Condessa de Champanhe teria dito: “declaro, e mantenho firmemente estabelecido, que o amor não pode exercer seus poderes entre duas pessoas que são casadas entre si” (CAPELLANUS, 1990 [séc. XII], p. 106). Se sua presença é atualmente considerada essencial para a felicidade conjugal, durante a Idade Média – assim nos informa Georges Duby – “todo casamento cristão era então um assunto decidido, conduzido e concluído pelo pai e pelos membros mais velhos da linhagem” (DUBY, 1989, p. 100), não tendo o sentimento amoroso especial importância na escolha. Seria ideal que a sexualidade do amor fosse sem ardor sexual, desejava Agostinho (ARENDR, 1996); enquanto que, para os sexólogos do século XIX, “sem sexo, o amor era ‘delírio’” (COSTA, 1983, p. 231).

Bem se vê que a ideia de amor, e o que comporta – ou deveria comportar – varia conforme períodos e sociedades. Casamento, paixão, monogamia, devoção, amizade: são múltiplos os elementos que, combinados entre si, caracterizam a ideia de “amor” para determinada época. E se este artigo pretende discutir de que maneira Fritz Kahn, em seu manual sexual conjugal, busca auxiliar à construção deste sentimento entre jovens maridos e esposas, leitores preferenciais de sua obra, deve-se em primeiro lugar responder à pergunta: dentro da multiplicidade de significados que o termo, historicamente, possuiu, a que se referia Kahn, quando falava em “amor”?

A ideia de amor em *A nossa vida sexual*

Nascido em 1888 na Alemanha, Fritz Kahn foi um médico obstetra autor de mais de 20 livros voltados à divulgação científica, particularmente no campo da saúde e medicina. Por conta dos desenvolvimentos do conhecimento científico das últimas décadas, o conteúdo de seus livros se tornou datado; ainda assim, continua sendo um autor bastante estudado, particularmente no campo do design, pelo fato de ter sido um dos criadores do que se denomina, hoje, de infográficos – o uso de imagens e textos para transmitir, de forma didática, certa informação (VON DEBSCHITZ, 2013).

A *Nossa vida sexual*, porém, contém poucas das imagens que fizeram a fama

de Kahn. Escrito no exílio, após sua fuga da Alemanha ao ser perseguido pelos nazistas (Kahn era judeu), o livro foi publicado originalmente em língua alemã por uma editora suíça, em 1937. Mesmo proibido na Alemanha, onde os nazistas queimaram os exemplares ali existentes, foi um sucesso editorial, traduzido para uma dezena de idiomas. A versão em português, publicada pela primeira vez em 1940, ainda que praticamente exclusiva para o mercado brasileiro (pois era uma obra censurada em Portugal), tornou-se a de maior sucesso, com maior número de exemplares vendidos e mais edições.

Porém, apesar de seu alcance editorial no país, não apresentava uma concepção de sexualidade que se diferenciava substancialmente da de outros manuais existentes no Brasil da primeira metade do século XX. Para Kahn, como para tantos outros autores, o sexo conjugal era tido como algo natural, consequência lógica de uma determinada biologia dos corpos que determinava o desejo e sua expressão física. Ainda que advogasse a importância do prazer, o sexo conjugal visava, acima de tudo, a criação e manutenção da família: não existia, portanto, por si só, mas apenas dentro da lógica procriativa do casamento.

Neste sentido, *A nossa vida sexual* pode ser definido como um manual médico que visava a construção de sujeitos sexuais pela conjugalidade. E para a construção deste sujeitos, a aprendizagem e o cultivo de determinada forma de sentimento amoroso aparecia como fundamental, o que é evidenciado pela ocorrência da palavra “amor”, que aparece 85 vezes nas pouco mais de 330 páginas do livro. Outro indício da importância deste sentimento para a obra está na comparação com a palavra “sexo”, que se repete 80 vezes, enquanto que “sexual”, por sua vez, surge em 83 ocasiões³.

Não se trata, porém, e obviamente, de um livro efetivamente sobre o “amor”. Seu principal objetivo era ensinar o ato sexual a homens e mulheres inexperientes. O sentimento amoroso, porém, faz parte do contexto da própria sexualidade, como a concebia Kahn: o ato sexual deveria ser feito por casais, legitimamente casados; isso significa que deveriam ter se encontrado por amor; e por amor é que deveriam praticar o ato sexual, que deveria ser, ao mesmo tempo, uma das maneiras pelas quais este sentimento aumentaria sua força. Contrariando

3

A frequência dos termos foi obtida através de busca eletrônica em arquivo digital do livro.

Rougemont, para Kahn o casamento e a paixão se reforçariam.

Kahn dá vários sentidos à palavra “amor” em toda sua obra, concordando com a polissemia própria do termo. Podem ser identificados três principais sentidos em *A Nossa vida sexual*, sendo que cada um deles está ligado de maneira específica à sua pedagogia⁴ da sexualidade. A seguir serão apresentados e discutidos cada um, considerados em sua historicidade, sendo que será dada mais atenção ao terceiro significado – o que busca integrar a sexualidade a uma definição mais ampla de “amor” –, e que Kahn acredita ser parte de seu objetivo pedagógico.

O amor devoto de Fritz Kahn

O primeiro sentido do termo amor, em *A Nossa vida sexual*, está ligado à ideia de devoção, e é apresentado como um sentimento destituído de corporalidade e sensualidade. Em relação a este sentido, Kahn define o amor como “considerar a outra pessoa como alguém a ser reverenciado” (KAHN, 1960, p. 212), e não se trata de um sentimento que se refere à “felicidade própria, mas a de outrem. No amor só há um meio de enriquecer: é dar” (KAHN, 1960, p. 186).

Esta noção de amor traz consigo um dos sentidos mais antigos, na cultura ocidental a respeito deste sentimento, que tem sua origem em *O Banquete*, de Platão, “a grande fonte de mito amoroso no Ocidente” (COSTA, 1998, p. 36).

São diferentes os sentidos de amor que aparecem em *O Banquete*. O primeiro refere-se ao chamado eros sensível, e está ligado à ideia de um sentimento único, de caráter universal, caracterizado pela alegria que se tem na presença de outro, e pelo sofrimento diante de sua ausência (COSTA, 1998, p. 36). Esta forma de compreender o amor identifica-se com a ideia de amor matrimônio, como definido por Rougemont (2003), ou o amor-sentimento, como nomeia o sociólogo Bozon (2004). Relaciona-se à amizade profunda, à construção de um sentimento duradouro, que traz estabilidade à relação.

O Banquete apresenta, ainda, um segundo sentido para o amor, que surge do discurso da filósofa Diotima, para quem o sentimento amoroso está associado à ideia de algo que seja Belo e intrinsecamente Bom. Aqui, o amor refere-se ao que

4 O termo “pedagogia” é entendido, neste texto, como o “conjunto de métodos que asseguram a adaptação recíproca do conteúdo informativo aos indivíduos que se deseja formar”. (HOUAISS, 2015)

é eterno, sempre verdadeiro, e que transcende a realidade humana, sendo o eros sensível nada mais que uma pálida noção em comparação a este verdadeiro amor.

Esta segunda concepção será apropriada pelo pensamento cristão, quando o sentimento de amor humano passa a ser considerado um reflexo mais pálido do amor a Deus. A filósofa Hanna Arendt destaca que, para Santo Agostinho, “a felicidade só é alcançada quando o amado se torna um elemento permanentemente inerente de nosso próprio ser” (ARENDR, 1996, p. 37). Trata-se, aqui, do amor-*caritas*, ligado à devoção. Algo que, para Agostinho, só poderia existir verdadeiramente em relação à Deus. O eros sensível, ligado ao desejo por outra pessoa – o *cupiditas* – seria colocado, dentro de uma escala do amor, em seu nível mais baixo.

Com a sacramentalização do casamento, que ocorre apenas no século XII, o ato sexual torna-se legítimo apenas entre um homem e uma mulher efetivamente casados. Isso porque, dentro do matrimônio, permanece a ideia de um sentimento de amor que limita a importância da relação física, e não deixa qualquer espaço para o amor-paixão. Por um lado, reafirma-se que o sentimento amoroso entre os cônjuges seria um pálido reflexo do amor a Deus; por outro, a ausência do amor paixão concordava com a desconfiança cristã em relação à sensualidade (e à sexualidade, particularmente). Segundo Vainfas (1986), trata-se de um modelo de amor que irá permanecer durante boa parte da Idade Média, em que a ideia de felicidade amorosa liga-se a uma busca racional por um Bem que fosse transcendental e eterno.

Porém, uma mudança importante ocorre a partir do século XII, com o chamado amor cortês, que passa a disputar com a vertente mística do cristianismo o ideal de amor. No amor cortês ocorre uma laicização de certos aspectos do modelo cristão de compreensão do sentimento amoroso, com a Dama passando a ocupar o lugar de Deus enquanto objeto devocional. Um novo contexto, com um novo objeto amoroso, envolvendo novos personagens – o homem mais jovem de nível social mais baixo, e a mulher casada, a exigir provas de amor –, demandaram a criação de um também novo vocabulário amoroso, sendo que alguns de seus elementos persistirão até o século XVIII, no processo de construção dos clichês próprios do amor romântico (COSTA, 1998), fonte

última da concepção amorosa devocional que surge em *A Nossa vida sexual*.

Amor como desejo e instinto

O segundo sentido da palavra “amor”, como usado na obra *A Nossa vida sexual* de Kahn, é quase oposto ao primeiro. Enquanto o amor-sentimento, de caráter devocional, praticamente exclui a corporalidade, e pode ser definido enquanto um relacionamento entre duas “almas”, neste novo sentido o amor aparece como amor-paixão, e está ligado diretamente à sexualidade, ao corpo, ao desejo e ao ato sexual. “Amor e sentimento amoroso”, afirma Kahn, “são fenômenos elétricos, que impulsionam à reprodução. Uma força elementar da natureza, como a água que da terra mana e o fogo chamejante” (KAHN, 1960, p. 53).

Embora compartilhem elementos semelhantes com o instinto sexual, para Kahn este amor não se confunde com ele porque, no ser humano, existiria a moralidade, capaz de transformar este impulso em “força e alegria, em valores positivos (...), tal qual os grandes artistas, poetas e músicos” (KAHN, 1960, p. 47).

A construção deste segundo sentido para o sentimento amoroso passa também pela influência pelo amor cortês, e que seria característico do chamado amor-paixão. Porque, ainda que seja um relacionamento sem contato físico – o autocontrole perante a Dama é também uma das formas de demonstrar sua devoção amorosa⁵ –, trata-se de um modelo de amor profundamente corporal, apaixonado e sensual. Segundo Rougemont, um dos elementos do amor cortês que influenciou a construção do ideal de amor influente na Europa até o início da modernidade foi a inclusão do elemento sensual dentro do discurso amoroso, embora ainda localizados fora do casamento: o erotismo e a paixão estariam, assim, no adultério (ROUGEMONT, 2003).

O desejo passa a ganhar espaço com a laicização próprio do sentimento amoroso, em um processo que, segundo Monzani (1995), inicia-se a partir do século XVI. O amor deixa de ser uma unidade para ser compreendido como se fosse composto por partes menores, impressões sensoriais de prazer. Para o filósofo Étienne de Condillac, por exemplo, amor associava-se à sensação

5 Em *Tristão e Isolda*, por exemplo, considerado por Denis de Rougemont como o maior mito de adultério da literatura ocidental, Tristão dorme por três anos na mesma cama com Isolda, sem jamais terem relações sexuais e com os corpos separados por uma espada sobre a cama, indicando o respeito que ele tinha por ela (ROUGEMONT, 2003).

prazerosa, e fazia parte da maneira pela qual as pessoas seriam constituídas: “desejar é a mais premente de todas as nossas necessidades; por isso, mais um desejo é satisfeito, e formamo-nos um outro” (Apud MONZANI, 1995, p. 231). Dentro desta nova concepção, o amor ganha corporalidade, sensualidade e, ao mesmo tempo, intimidade, pois passava a se tornar algo próprio do corpo em busca de sensações de prazer. Mas, também, passa a se referir a uma sensação que traz uma perpétua intranquilidade, pois a uma primeira satisfação seguem-se novos desejos, e novas buscas.

Não é apenas o aspecto devocional do amor, nem sua corporalidade que, independentemente, formarão o que se dará o nome de amor romântico. Ambos deverão ser unidos, aliados a novas concepções de relacionamento, além da interiorização de sentimentos, em um amor que passaria a ser visto como uma virtude privada. A união destas duas concepções, contribuindo para a construção do que será o amor romântico, começa, segundo Norbert Elias, com a aristocracia europeia:

A proposta é uma atração sentimental apaixonada entre um homem e uma mulher jovens, ambos solteiros: essa paixão só pode realizar-se no casamento, com exclusão de qualquer outra solução. A paixão deste homem é toda por aquela mulher, a paixão da mulher é toda por aquele homem (ELIAS, 1987, p. 223).

O sentimento de amor romântico, que começa a se construir com esta sociedade aristocrática, não é um processo que avança por si, mas é também um “sintoma da distância crescente que se estabeleceu entre as pessoas” (ELIAS, 1987, p. 233), o que evidencia a necessidade do cortejo, da aproximação cuidadosa, e de um período de conhecimento mútuo que antecederia o casamento.

A síntese do amor para Fritz Kahn

Será com o amor-romântico que se construirá o ideal de “amor” que passa a unir o amor-sentimento e amor-paixão, dentro da instituição do casamento. O sentimento amoroso passa a ser justificativa suficiente para a união entre um homem e mulher apaixonados, “até que a morte os separe”: idealizado, supervalorizado e dirigido à “alma gêmea”, este amor deveria naturalmente durar por toda a vida. Romances nos quais o cortejar e o seduzir ganham destaque, começam a surgir no século XVII, acompanhando o aumento da aceitação, especialmente fora das classes altas, da ideia de casamento por vontade

peçoal: uma novidade, para o Ocidente, em que o amor passa a ser visto como condição para o casamento e necessário à felicidade (COONTZ, 2005). Era isso, pelo menos, o que garantia a literatura, defendiam os religiosos e, posteriormente, pregariam os médicos. Escolhido de forma apaixonada, o cônjuge passa a ser o único possível objeto de devoção e desejo.

Consolidando-se o casamento como o único espaço social possível para a efetivação da sexualidade – agora unindo amor-sentimento e amor-paixão –, este específico modelo de amor participava da constituição de uma estrutura familiar que tradicionalmente se caracteriza como nuclear, composta por pais e filhos reunidos na intimidade do lar, tendo seus membros papéis sociais bem definidos e naturalizados.

A relação que se constrói poderia ser incompreensível para a Condessa de Champanhe: não apenas o amor torna-se justificativa para o casamento, como a satisfação sexual passa a ser possível apenas com a presença do amor:

a atração romântica é considerada a mais adequada e, de fato, a única base para a escolha do parceiro para o resto da vida; (...) supõe-se que os impulsos sexuais de ambos os parceiros devem ser completa e permanentemente satisfeitos no interior do casamento (...) e a ternura, o mistério e a excitação devem coexistir com os cuidados da casa, problemas da educação das crianças e a rotina de quinze mil noites juntos (COSTA, 1983, p. 148).

“Fazer amor” gradualmente se torna, então, sinônimo de ato sexual. “Coito” e “ato sexual” são ainda bastante utilizados, mas nos romances oitocentistas, particularmente, “fazer amor”, “ato físico do amor”, tornam-se expressões exclusivas para se referir à sexualidade do casal.

Uma concepção que irá alcançar os livros de autoajuda sexual do século XX. Os autores de manuais sexuais conjugais, por exemplo, poderiam admitir que o ato sexual fora do casamento poderia trazer algum prazer – como afirmou Kahn, “um prazer momentâneo, mas angustiante” (KAHN, 1960, p. 304) –, mas era incomparável ao prazer que o “fazer amor” com o cônjuge proporcionava: “um espetáculo corpóreo, um êxtase perfeito (...) tão belo, que só Deus olha” (KAHN, 1960, p. 228).

E é justamente este o terceiro significado do termo “amor” que Kahn afirma

ser a síntese que deve ser buscada na conjugalidade, e intimamente relacionado ao ideal de amor romântico. Porém, há algumas particularidades nesta última (e, para Kahn, a mais importante) concepção de amor, presente em *A Nossa vida sexual*: trata-se, especialmente, do amor romântico que se busca controlar e organizar a partir do discurso médico. Além disso, e coerente com uma obra que se afirmava “um guia (...) para todos os que iniciam a viagem através da vida sexual” (KAHN, 1960), refere-se a um modelo de amor cuja sexualidade poderia ser treinada, ensinada, aprendida, de forma a se construir um casal realmente feliz que incluísse, adequadamente, a questão sexual. E, para Kahn, o objetivo mais importante de seu livro seria, justamente, contribuir para que os casais conseguissem construir este sentido específico do sentimento amoroso.

O homem civilizado, quando ama, casa-se com o ser que escolheu como complemento espiritual de sua metade terrena; enquanto o animal persegue uma fêmea, o homem culto vive um êxtase místico. Ele mergulha nas profundezas de outro ser para dele voltar à tona como recém-nascido. Que durante as relações amorosas, os dois amantes se unam pelos órgãos genitais, é fato de pouca monta. (...) A alegria de todo organismo supera a excitação de alguns órgãos em particular, e todos têm o direito de experimentá-lo (KAHN, 1960, p. 65).

O objetivo de Kahn era, assim, ajudar a desenvolver nos casais esta específica concepção de amor, o fortalecimento da devoção dirigida ao “complemento espiritual de sua metade terrena”, que permitisse o “mergulho nas profundezas do outro ser”, através da união “pelos órgãos sexuais”. Observa-se, aqui, a união entre o aspecto do amor-devoção e do amor-paixão. O primeiro é alimentado pelo segundo; e o segundo pode ser ensinado para que ambos sejam fortalecidos.

Esta concepção de amor, que procura unir o amor-sentimento e o amor-paixão, é bastante comum nos manuais sexuais conjugais da primeira metade do século XX. Eustace Chesser, autor escocês que publicou seu manual *Sexo sem medo*, em 1940, afirmava que “o amor abrange tudo (...) e o mesmo se pode dizer do casamento. E, de todos os seus aspectos, o físico é o que tem sido mais negligenciado” (CHESSER, 1940, p. 15). Van de Velde, autor holandês de obra bastante popular no gênero no Brasil, publicada em 1933, também afirmava que “uma vida sexual harmônica e sempre florescente” era dos “pilares que sustentavam

o edifício do amor e da felicidade matrimonial” (VELDE, 1957 [1933], p. 4).

Salientar a fisicalidade, a corporalidade do amor, foi particularmente importante para o movimento higienista a partir do século XIX. A medicina higiênica via como uma de suas tarefas a construção de uma “medicina moral”: acreditando que crianças saudáveis nasciam de atos sexuais prazerosos, e compreendendo a importância do ato sexual para a manutenção dos casamentos, médicos passaram a defender a necessidade de uma determinada pedagogia para o amor. Seu objetivo era combater uma cultura que culpabilizava o prazer entre esposos, e que via na redução da atividade sexual, consequência dos anos de convívio, um sinal de amadurecimento do relacionamento.

Para que isso fosse modificado em direção a uma erotização do casal, os médicos higienistas uniram a ideia de amor ao instinto de propagação, definindo o sentimento amoroso enquanto “a paixão impetuosa da alma de um para outro sexo” que poderia ser definida como “as propensões, as inclinações, os desejos, levados a um certo grau de vivacidade” (COSTA, 1983, p. 65). Associado desta forma à paixão, o amor era entendido contendo um importante elemento biológico, inserindo-se assim nas possibilidades de ser manejado através das técnicas médicas, e justificando o ingresso da medicina na privacidade da família. Desta maneira, a paixão poderia ser controlada, direcionada e educada pela medicina (COSTA, 1983).

Tanto os médicos higienistas, quando os autores dos manuais sexuais conjugais, concordavam na necessidade de uma pedagogia da sexualidade, de forma a tornar os casamentos mais felizes e mais sólidos. Estava na manutenção do casamento o fim último destas obras: transformar o matrimônio em “super-matrimônio” (VELDE, 1957 [1933], p. 3), para usar a expressão de van de Velde.

A ideia de um casamento repleto de um amor formado por devoção e paixão, que fosse ao mesmo tempo estável e ardente, que mantivesse unidos os cônjuges, era o objetivo final da obra de Kahn – como de outros autores de manuais sexuais conjugais – e exigia o intenso interesse e participação dos casais.

A constituição de sujeitos sexuais: maridos e esposas

A necessidade de trabalhar a própria subjetividade sexual, como uma forma

de se adequar à sociedade, é um processo específico de determinada cultura, e de determinado tempo histórico. Analisando a aphrodisia antiga – uma determinada forma de ver os atos sexuais e sua relação com a sexualidade para a Antiguidade Clássica – Foucault conclui que, para os antigos, a sexualidade não era definidora de sujeitos; havia atos e desejos sexuais que estariam mais adequados a determinada posição social, mas sua subjetividade não era definida por seus desejos eróticos (FOUCAULT, 1994).

Tratava-se de um modelo diferente do que passa a ocorrer a partir do cristianismo, quando o desejo sexual se torna objeto privilegiado a partir do qual as pessoas passam a ser entendidas, além de elemento fundamental de suas subjetividades. Se na aphrodisia existia uma unidade integrada entre corpo, alma, prazer, desejo e sensação, com o pensamento cristão o desejo sexual ganha preponderância, passa a definir subjetividades e, com isso, a vida social (FOUCAULT, 1994).

É esta concepção de sexualidade que será incorporada ao discurso médico, especialmente no século XIX. Os discursos de biologização dos gêneros e a sexualização da natureza (MARTINS, 2005) antecedem e participam da construção de um conhecimento a respeito dos atos e desejos sexuais que, mais do que apenas classificá-los e nomeá-los, procura identificar os sujeitos, determinar normalidades, e prescrever tratamentos às perversões. Foi o resultado da ação de autores oitocentistas, como Krafft-Ebing, Sigmund Freud, August Forel, Havelock Ellis, Magnus Hirschfeld, dentre outros (e foram muitos outros) que, contribuindo para o que se constituiria como a ciência sexológica, acreditavam lançar as luzes da ciência à questão sexual (WEEKS, 2002).

E isso era feito – de maneira mais ou menos incisiva, dependendo do autor – a partir de uma diferenciação entre o sujeito considerado normal (heterossexual, monogâmico, que direcionava a sexualidade à reprodução), e todas as variações a este modelo. A medicina procurava orientar as pessoas na direção da norma, sendo a autoridade do discurso médico utilizada para impor verdades sobre os corpos (KELLY, 2013), e impulsionar as pessoas a se adequar a esta normalidade estabelecida. Se a correta sexualidade define as subjetividades, e se há especialistas encarregados em sua normatização e difusão, entende-se como os médicos

tornaram-se parceiros de homens e mulheres que se preocupavam em se adequar ao que era considerado moralmente desejável e cientificamente normal. As pessoas se constituíam enquanto sujeitos também do ponto de vista sexual.

Em Fritz Kahn, por exemplo, fica explícito que para se tornar “esposa” e “marido”, casar não era suficiente. Exigia-se a adoção de um conjunto de práticas sexuais que conformavam e definiam estes sujeitos: “a noite de núpcias é a primeira noite de vida conjugal, em que a noiva se transforma em ‘esposa’, graças à união sexual com o noivo” (KAHN, 1960, p. 67). A cerimônia, certamente, desempenhava seu papel; mas é o ato sexual que completará a transição da “mulher” para “esposa”.

“Marido” e “esposa” tornam-se, assim, mais do que apenas rótulos sociais, mas consolidam-se enquanto sujeitos, dos quais se espera determinadas práticas e ações. E, em sua conformação, encontrava-se o aspecto sexual: as formas de desejo, os momentos de sua expressão, as proibições inerentes. Constituir-se integralmente enquanto uma “esposa” ou um “marido”, desta maneira, exigia o correto desempenho sexual, daí a necessidade de adequar o próprio comportamento. Talvez não seja adequado falar, para este momento histórico, em um nomadismo desta noção de sujeito (BRAIDOTTI, 2000), mas demonstra como a presença de elementos diferentes como idade, gênero, condição social e, especialmente, sexualidade, participam de identidades que são múltiplas e que são construídas ativamente.

Porque o próprio processo de constituição destes sujeitos, mesmo se for considerado apenas o campo estritamente sexual, relaciona-se também a determinado processo histórico. Desde a Idade Média era comum que se considerasse que as obrigações sexuais entre cônjuges se restringiam a uma obrigação – um *debitum* – que deveria ser cumprido. A preocupação com desempenho, tempo de relação, formas de carícias e, em síntese, toda preocupação que envolve o chamado bom desempenho sexual, será apenas lentamente inserido naquilo que esposas e maridos deveriam saber e praticar, para que fossem considerados cônjuges, por assim dizer, competentes.

Manuais sexuais e a popularização do discurso sexológico

○ aconselhamento sexual não surge com autores como van de Velde, ou

Fritz Kahn. No século XVIII panfletos contra masturbação já existiam. Tanto o Kama Sutra, quanto o Ars amatoria de Ovídio revelam não ser uma peculiaridade ocidental uma literatura que abordasse as formas de se fazer sexo.

Porém, o processo que fez com que autores como Fritz Kahn, van de Velde, Frank Caprio, Georges Valensin, João Mohana e, posteriormente, Marta Suplicy, Flávio Gikovate, José Eduardo Mascarenhas, e tantos outros, fossem lidos e se tornassem referências na construção de uma literatura de autoajuda sexual, constitui-se no século XIX com a sexologia e a busca por uma difusão da abordagem científica da sexualidade. A constituição da sexologia impulsionou, gradualmente, uma literatura específica sobre os atos sexuais, inicialmente restrita a teses médicas e, portanto, aos profissionais especialistas.

A questão sexual, de August Forel, publicada originalmente em francês, em 1905, é um marco na transição de uma literatura especificamente voltada a especialistas, para outra de divulgação e interesse geral. Escrita em uma linguagem leiga, e dirigida ao público não-especialista, vendeu no Brasil cerca de três mil exemplares em sua primeira edição de 1929, demonstrando que havia interesse de homens e mulheres, de determinados grupos sociais, em conhecer mais sobre um tema tido como de vital importância (RUSSO, 2009).

Por que o livro de Forel fez tanto sucesso? Entender o interesse pela literatura de divulgação sobre sexualidade ajuda a entender, também, o interesse sobre os manuais sexuais, e de como as pessoas desejavam atuar sobre o próprio conhecimento e práticas eróticas, participando de sua constituição enquanto sujeitos sexuais.

Segundo Giddens (1991), em uma sociedade reflexiva existe um enfraquecimento dos laços com conhecimentos e práticas tradicionais, sendo que os indivíduos, percebendo-se como históricos e construídos, têm a possibilidade de participar de maneira consciente da construção de suas próprias subjetividades. Na modernidade, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 44-5). Em tais sociedades, os produtos de mídia desempenham um papel importante ao serem, também, fontes de informação em projetos de constituição de um eu que não possui mais uma identidade fixa, mas é passível

de reconstrução, negociação e reescrita (RUDIGER, 2010).

Os manuais sexuais conjugais, que chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XX, são um exemplo de parte deste mundo cultural que disponibilizava, nas palavras de Giddens, uma “profusão de recursos reflexivos” (GIDDENS, 1992, p. 41). Os títulos colocados à disposição pelas editoras, influenciadas pelo sucesso editorial de certas obras como a de Forel, acabariam por participar dos debates a respeito de sexualidade e dos devidos papéis sociais.

Durante os mais de 40 anos em que permaneceu no mercado brasileiro, o livro *A nossa vida sexual* de Fritz Kahn vendeu cerca de 700 mil cópias, tornando-se não apenas um best-seller neste gênero de literatura, mas referência na cultura nacional a respeito da sexualidade. Este sucesso comercial, além de difusão cultural, obtidos pelo livro de Kahn, podem ser entendidos como indicativos da existência de leitoras e leitores dispostos a desenvolver a sua própria sexualidade.

A difusão de livros de divulgação científica sobre sexualidade, incluídos aí os manuais sexuais conjugais, não enfraqueceu a autoridade médica sobre o tema. Na verdade, seus autores procuravam deixar clara a manutenção da distinção entre os leigos que não sabiam adequadamente como se comportar em relação ao ato sexual, e os especialistas médicos, que tomavam para si a tarefa de esclarecer, com seu conhecimento, as verdades. Trata-se do que Giddens denomina de sistemas peritos: identificados como especialistas nos quais se deposita determinada confiança, os sexólogos conquistaram um espaço social privilegiado que lhes permitiu estabelecerem normas, comportamentos, atitudes (GIDDENS, 1991, p. 111). O especialista entrava assim, via mercado editorial, no espaço íntimo familiar e ocupava explicitamente o lugar de guia e conselheiro. As propagandas de divulgação do livro *A Nossa vida sexual* reforçavam este fato, descrevendo Kahn como “um médico no qual depositamos a confiança de um verdadeiro pai” (KAHN, 1940, p. 2).

Pedagogia do sexo enquanto pedagogia do amor

Fritz Kahn cita Balzac: “A vida conjugal é uma luta constante contra um monstro: o hábito!” (KAHN, 1960, p. 171) Enfrentar o hábito, o cotidiano, e o que ele representa de esfriamento da paixão, é o ponto central em uma pedagogia

sexo-amorosa de A nossa vida sexual. Para Kahn, não existe uma incompatibilidade entre devoção e desejo, mas uma ausência de treinamento, um mau aprendizado, e por vezes inclusive uma má vontade, que faz com que os casais não saibam manter seu estado apaixonado. Daí a necessidade de sua pedagogia: “nessa escola matrimonial, a arte do amor deveria merecer a necessária atenção” (KAHN, 1960, p. 171). Deve-se notar que acreditar na existência de uma incompatibilidade entre amor-sentimento e amor-paixão (algo que, por exemplo, Denis de Rougemont acreditava) desafiaria a concepção de Kahn a respeito do casamento monogâmico como natural e biologicamente determinado. Afinal, se o amor-paixão que se sente por alguém em algum momento desaparece, significa que poderá renascer em relação a uma segunda pessoa, naturalizando, assim, o adultério.

Mas Kahn não acredita nisso. Sendo o amor biologicamente determinado, dirigido a uma única pessoa por toda a vida (daí a naturalidade da monogamia), a paixão só morrerá se não for devida e cotidianamente alimentada. Se não for negligenciada por maridos e esposas (principalmente elas). Para derrotar o monstro do hábito, portanto, homens e mulheres deveriam começar adequadamente sua vida sexual – com uma noite de núpcias devidamente realizada –, construir um cotidiano de ações e palavras apaixonadas – mantendo-se sempre arrumados, ou evitando trazer para o interior da casa problemas de trabalho –, e desenvolver desejos e técnicas que permitissem a construção de uma situação sexual prazerosa. As técnicas ligadas ao prazer se tornam, então, defesas do sentimento amoroso, e o aprendizado do primeiro implicaria em fortalecimento do segundo.

Orientados a atuar sobre os próprios desejos e atos sexuais, homens e mulheres eram convidados a agir sobre si mesmos, de forma que pudessem transformar as próprias subjetividades. Com disposição, treinamento, compromisso, e prática seria possível alcançar, afinal, a efetiva constituição dos sujeitos “esposa” e “marido”, no campo sexual. O objetivo mais imediato de todos os conselhos e regras era, sem dúvida, a busca de um ato sexual mais prazeroso tanto para a mulher quanto para o homem, de onde a lista de posições, tempos de coito, formas de carícias, detalhes anatômicos, métodos de asseio, dicas de alimentos. Porém, seu fim último era construir, a partir de uma sexualidade mais intensa e gratificante, um relacionamento que fosse estável, unificador, e amoroso.

“Cada um sente e aspira o contato do outro e crê morrer de amor nele e com ele e assim, somente nessa atitude, é que a união se transforma de ato corporal em uma recordação espiritual de intensidade e efeitos profundíssimos, como é o amor do homem moderno” (KAHN, 1960, p. 59).

A pedagogia da sexualidade – que é, ao final, uma pedagogia para o fortalecimento do relacionamento amoroso, e manutenção da conjugalidade – torna-se, então, fundamental. A construção destes sujeitos sexuais, agora “esposa” e “marido”, envolve incentivos à mudança nas sensibilidades, exercícios sobre os próprios corpos, direcionamento dos desejos e controle das sensações.

O controle dos desejos passa por construir as sensações que permitiriam a construção de um ato sexual satisfatório. Uma mulher que não fosse devidamente excitada pelo marido poderia passar a vida sem viver a sua sexualidade: “elas podem ter oito ou dez filhos sem ter vivido a emoção integral do ato sexual, nem ter sentido o prazer do amor” (KAHN, 1960, p. 186). O controle do desejo implica estimular a si mesmos, como bem deve a disciplina conjugal, para se manter interessante à esposa ou ao marido; relaciona-se com a atenção que deve ser dada, em direção ao cônjuge, em pleno ato sexual, para que se preocupe não apenas com as próprias sensações, mas que atente às necessidades dela ou dele. Está relacionado a ações, atividades, exercícios que devem ser praticados para que se evitem a impotência masculina ou a frieza feminina: “o coito com uma mulher é uma ‘tarefa’” (KAHN, 1960, p. 177), afirmava Kahn. Da mesma forma que a mulher deve ter atenção e “procurar em que pontos e com que forma de excitação sente maior prazer. Ela precisa aprender a facilitar, com movimentação ativa da musculatura, o aparecimento da sensação voluptuosa” (KAHN, 1960, p. 178).

Fritz Kahn preocupa-se, ainda, em fornecer modelos, quase gabaritos, de sensações que homens e mulheres devem sentir nos atos sexuais. Neste sentido, esposas e maridos são convidados a controlar os próprios sentimentos, direcionando-os aos modelos que são prescritos e esperados por uma pedagogia sexual. Por exemplo, o que deve ser sentido em noite de núpcias? “Uma palavrinha de amor e zás! Um grito, uma pequena lágrima, depois uma risadinha e eis que dentre as nuvens do firmamento conjugal ri triunfante Hímen, o deus da noite nupcial” (KAHN, 1960, p. 74).

Argumentos e exemplos são as principais formas utilizadas por Kahn para convencer seus leitores, embora não seja esquecido o “valor pedagógico da atemorização” (ROCHA, 2015, p. 266), através da criação de aversões. Aos desejos que possam ser considerados não naturais são apresentadas consequências mais ou menos trágicas, de modo que leitoras e leitores de Kahn construam repulsa a práticas desviantes. Ficar próximo a homossexuais “incute no espírito [do homem] a repugnância pelos órgãos da mulher”, e mesmo a prática do adultério pode provocar uma “impotência conjugal” (KAHN, 1960, p. 170, 176).

O processo de construção dos sujeitos sexuais “marido” e “esposa”, objetivo implícito dos manuais sexuais conjugais como o de Fritz Kahn, pode ser entendido a partir de três eixos de atuação, segundo o pensamento de Foucault (2003): funcionando como guias, os manuais construía e divulgavam um saber sobre a sexualidade, participando de uma rede de discursos dos quais participavam manuais médicos, pedagógicos e pastorais, ocupados em definir o que era a sexualidade conjugal, como deveria ser praticada, quais as ações e sentimentos associados a ela; a atuação de sistemas de poder e práticas disciplinares, que atuavam tanto de forma positiva (construindo) quando negativa (negando e limitando) sexualidades; e as formas de subjetivação, a partir das quais os indivíduos se reconheceriam – que, no caso, compravam e liam as obras – a partir de específicas sexualidades (FOUCAULT, 1994).

Conclusões

O problema permaneceu mergulhado, intacto, durante vários anos, na mente da mulher americana. Era uma insatisfação, uma estranha agitação, um anseio de que ela começou a padecer em meados do século XX, nos Estados Unidos. Cada dona de casa lutava sozinha com ele, enquanto arrumava camas, fazia as compras, (...) e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: “É só isto?” (FRIEDAN, 1971, p. 17)

Ao denunciar que a dona de casa norte-americana, ao contrário do que as propagandas, os livros, os filmes, afirmavam, não tinha suas ambições completamente satisfeitas, Betty Friedan alertava, em 1963, para a dissociação existente entre os discursos compartilhados e a vida cotidiana. O modelo social proposto, e imposto, aproximava as angústias descritas por Friedan daquelas

vividas por Emma Bovary, no final do século XIX, com a qual este artigo se iniciou: a compreensão de que a realidade do casamento – constantemente louvado como o auge do amor romântico – efetivamente não cumpria suas expectativas, na prática, lançadas pela paixão e pelo desejo. Não tinha a capacidade de construir, efetivamente, uma realidade que satisfatoriamente integrasse amor e paixão, devoção e sensualidade.

Os manuais sexuais, como o de Fritz Kahn, acreditavam ter as respostas que integrariam o amor-sentimento e o amor-paixão. E, em sua busca, os sentimentos desempenhavam um duplo papel. Por um lado, o sentimento amoroso estava permanentemente no horizonte, como o alvo a ser atingido pela pedagogia sexual. O objetivo final da leitura seria a construção de um casamento mais sólido, permanentemente apaixonado e, portanto, duradouro. Mantém-se a monogamia, a estabilidade conjugal, os devidos papéis de gênero e, neste sentido, tratava-se de uma estratégia socialmente estabilizadora.

O segundo papel desempenhado pelos sentimentos é sua utilização enquanto técnica pedagógica. Estimulavam-se desejos e prazeres, desde que concordassem com o objetivo final desejado pelo guia. Construía-se aversões e apelava-se ao medo, para que fossem evitadas as práticas tidas como não naturais ou pervertidas.

O amor-sentimento era visto como a única e legítima razão para o ato sexual que, por sua vez, seria responsável pela contínua alimentação do sentimento e desejo dirigidos ao cônjuge.

Construir uma relação ideal entre sentimento e desejo exigia não apenas a submissão a determinados papéis sociais de gênero bem definidos, como a transformação das próprias subjetividades. Para ser uma adequada esposa e um competente marido, era necessária disposição e entrega cotidianas, de modo que fosse construído o modelo idealizado de casal apaixonado, feliz na intimidade do lar, e plenamente satisfeitos em seu relacionamento sentimental.

Desde o século XIX a medicina passou a se preocupar com o amor, embora dentro de seus próprios termos. Ao entrar na intimidade sentimental conjugal, transformou a ideia de amor em um conceito com o qual teria condições de modificar, modelar, higienizar: a paixão física, o desejo. Centrando sua atenção

no aspecto propriamente material e concreto do amor, e colocando a sexualidade como um dos pilares de um complexo edifício que sustentava o sentimento amoroso, a medicina se colocou em condições de direcionar os desejos e ações sexuais. É isso que faz Kahn, e como farão outros tantos até, ao menos, o surgimento da chamada revolução sexual: construir determinados sujeitos sexuais a partir de uma concepção normativa, ligando uma certa sexualidade à conjugalidade, tendo como fundamento o amor: “então os atuais escravos do instinto se tornarão senhores de suas forças; os seres infelizes em seu isolamento transformar-se-ão em casais ditosos; os fregueses dos bordeis passarão a respeitar as mulheres” (KAHN, 1960, p. 335).

Referências

- ANSART, P. **Em defesa de uma ciência social das paixões políticas**. História Questões e Debates. Ano 17, n. 33. Julho a dezembro de 2000.
- ARENDT, H. **Love and Saint Augustine**. Chicago: University of Chicago, 1996.
- BERGER, J. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BRAIDOTTI, R. **Sujetos nômades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporânea**. Buenos Aires/Barcelo/México: Paidós, 2000.
- CAPELLANUS, A. **The art of courtly love**. Nova Iorque: Columbia, 1990 [séc. XII].
- CHESSER, Ernst. **Sexo sem medo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1940.
- COOK, H. **The long sexual revolution: English women, sex, and contraception 1800-1975**. Oxford (Inglaterra): Oxford University Press, 2004.
- COONTZ, S. **Marriage, a history**. Estados Unidos: Penguin books, 2005.
- COSTA, J. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- _____. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DUBY, G. **A sociedade cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ELIAS, N. **A sociedade de corte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.
- FELMLEE, D; SPRECHER, Susan. **Love**. In. STETS, Jan; TURNER,

Jonathan (eds). Handbook of the sociology of emotions. Estados Unidos: Springer, 2006.

FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. Rio de Janeiro: Bruguera, 1969.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 1988.

_____. **A história da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Ethics: subjectivity and truth**. Nova Iorque: Gallimard, 1994.

FRIEDAN, B. **A mística feminina**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1971.

GIDDENS, A. **Consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Transformação da intimidade**. São Paulo: Unesp, 1992.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss**. São Paulo: Objetiva, 2015. Versão eletrônica.

KAHN, F. **A nossa vida sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

KAHN, F. **Nossa vida sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

KELLY, M. **Foucault's history of sexuality**. Edimburgo: E. University Press, 2013.

MARTINS, A. P. V. **A ciência dos partos: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia científica no século XIX**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13 (3): 320, setembro-dezembro/2005.

MONZANI, L. **Desejo e prazer na Idade Moderna**. Campinas: Unicamp, 1995.

ROCHA, H. **Persuasão e terror: a linguagem da higiene em manuais escolares brasileiros**. Historia y Memoria de la Educación, 2 (2015): 261-292.

ROUGEMONT, D. **História do amor no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

RUDIGER, F. **Literatura de autoajuda e individualismo**. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.

RUSSO, J. **O campo da sexologia no Brasil**. Physis, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, 2009.

SANT'ANNA, D. **Entre o peso do corpo e o pesar da alma: notas para uma história das emoções tristes na época contemporânea**. História: Questões & Debates, Curitiba, n.59, p. 99-113, jul./dez. 2013. Editora UFPR.

SHAW, G. B. **Getting married**. 1908. Disponível em gutenberg.org/files/5604/5604-h/5604-h.htm. s/p. Acesso em 20/1/2018.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

VELDE, Th. H. van de. **Matrimônio perfeito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957 [1933].

VON DEBSCHITZ, U. **Fritz Kahn**. Estados Unidos: Taschen America, 2013.

WEEKS, J. **Sexuality and its discontents**. Nova Iorque (EUA): Routledge, 2002.

Recebido em abril de 2018

Aceito para publicação em junho de 2018

“OLHARES TORTOS” - UM ESTUDO COM MOTORISTAS DE ÔNIBUS DA CIDADE DE PORTO VELHO-RO

Vanderleia de Lurdes Dal Castel Schindwein¹
Gabrielle Selleri Bezerra²

Resumo: Este estudo teve como objetivo compreender as dificuldades das mulheres que trabalham como motorista de ônibus na cidade de Porto Velho – RO, suas condições de trabalho e enfrentamentos com os colegas homens. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo com cinco mulheres motoristas de ônibus de uma empresa de transporte coletivo da cidade de Porto Velho. Para a realização das entrevistas, foi utilizado um roteiro de questões semiestruturadas. As motoristas descrevem que já vivenciaram situações de discriminação de gênero por parte de passageiros em suas rotinas de trabalho. Por parte dos colegas de trabalho, os preconceitos mostram-se velados nas brincadeiras.

Palavras Chave: trabalho; gênero; motoristas de ônibus.

Abstract: The goal of this study was to understand the difficulties of women who work as bus drivers in the city of Porto Velho - RO, their working conditions and confrontations with male coworkers. This is a qualitative research with five women, bus drivers from a collective transportation company in the city of Porto Velho. For the interviews, a script of semistructured questions was used. The drivers describe that they have experienced situations of gender discrimination by passengers in their work routines. Regarding to the men coworkers, the prejudices are veiled in jokes.

Keywords: work; gender; bus drivers.

Introdução

As mulheres se deparam com diferentes formas de práticas discriminatórias ao longo da vida, seja no mundo do trabalho, seja em outras esferas sociais, apenas

1 Doutora em Serviço Social pela PUC/RS. Professora da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: vdalcastel@gmail.com.

2 Psicóloga pela Universidade Federal de Rondônia. E-mail: gbselleri@gmail.com.